

**Diálogo de saberes entre tradição e modernidade: ordens e desordens**

26<sup>a</sup>. Reunião Brasileira de Antropologia

Porto Seguro, Bahia, Brasil

Lúcia Helena de Oliveira Cunha

Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela UFPR

## RESUMO

O estudo que ora se apresenta busca investigar como ordens e desordens socioambientais se manifestam em dinâmicas pesqueiras da porção central da costa paranaense – especificamente em Shangri-Lá e Pontal do Sul – privilegiando o conhecimento tradicional do pescador artesanal. Partindo da crítica de que a natureza está em estado de equilíbrio perene e de que as sociedades costeiras encontram-se em si em estado de harmonia e com o ambiente marinho, procura-se mostrar que a inter-relação entre pescador e mar é marcada, concomitantemente, por movimentos ordenados e desordenados, seja em sua dinâmica interna, seja em sua dinâmica externa. Nesses termos, entende-se que as perturbações e (ou) distúrbios, as *ordens e desordens* são imanentes à vida natural e sociocultural e, ao mesmo tempo, estão presentes na conexão entre sociedade e natureza em sua interioridade e exterioridade. Para a apreensão da importância e densidade das categorias nucleares deste estudo – *ordens e desordens* – percorreram-se caminhos teóricos que operam com dimensões sociais e ambientais no âmbito das ciências naturais e ciências humanas centrando-se em algumas abordagens ou linhas de pensamento inscritas nesses campos do conhecimento científico. Baseada nos aportes teóricos delineados procura-se captar dimensões do universo costeiro centrando-se no conhecimento tradicional do pescador em determinadas localidades litorâneas do Paraná. Este conhecimento se expressa na unidade terra-mar-céu, domínios em que se desenvolvem a cosmovisão e cognição do pescador artesanal sobre o ciclo da pesca e a náutica pesqueira em distintas dimensões e o preparo para a realização da atividade pesqueira. Diante dos processos modernizantes que ameaçam a pesca artesanal, principalmente pela pressão mercadológica cada vez mais intensa no interior da atividade ocasionando à sobrepesca, juntamente com o impacto socioambiental da pesca industrial naquela modalidade pesqueira, que conduz às *desordens destruidoras*, propõe-se um diálogo entre saberes que fertilize um modelo de co-gestão socioambiental em bases sustentáveis, numa recombinação entre tradição e modernidade.

Palavras-chave: ordens e desordens; meio ambiente, pescador artesanal; tradição e modernidade; diálogo de saberes.

## ABSTRACT

The present study searches to investigate how social and environmental orders and disorders manifest themselves in fishing dynamics of the central portion of the Paranaense coast – specifically in Shangri-Lá and Pontal do Sul. Starting from the critic which the nature is in perennial equilibrium state and the coastal societies are in harmony state with each other and with the marine environment, we look for to show that the interrelation between fisherman and the sea is marked, concomitantly, by ordered and disordered movements, as in its internal dynamic as in its external dynamic. In this way, we understand that the perturbations or disturbs, the orders and disorders are immanent to the natural, social and cultural life and, at the same time, they are present in the connection between society and nature in its interiority and exteriority. To the apprehension of the importance and density of the central categories of this study – *orders and disorders* – we went through theoretical paths which operate with social and environmental dimensions in the ambit of the natural science and human science centering in some approach or lines of thinking inscribed in these fields of scientific knowledge. The traditional knowledge of the fisherman in the investigated places expresses itself in the unity earth-sea-sky, dominions in which develop his world view and cognition about the fisher cycle and the fisher nautical in distinct dimensions. In front of the modernizing processes that threaten the artisanal fishery, mainly by the market pressure each time more intense in the activity interior occurring the overfishing; with the social environmental impact of the industrial fishery in that fishing modality that leads to the *destroyers disorders*, we propose a dialog between knowledges that fertilize a model of social and environmental co-management on sustainable basis, in a re-combination between tradition and modernity.

Key-words: orders and disorders; environment; artisanal fisherman; tradition and modernity; dialog of knowledges.

## **Diálogo de saberes entre tradição e modernidade: ordens e desordens**

“A moderna humanidade se vê em meio a uma enorme ausência e vazios de valores, mas ao mesmo tempo, em meio a uma desconcertante abundância de possibilidades [...]” (Marshall Berman)

“A verdadeira novidade que perdura é que retoma todos os fios da tradição e os tece fazendo um motivo que a tradição não pode tecer” (Fernando Pessoa).

Em consonância com os propósitos deste estudo, procurou-se configurar a relação entre cultura e natureza em suas dinâmicas próprias e determinações recíprocas, tomando como referência central a forma como o pescador artesanal interage, historicamente, com o ambiente marinho numa relação perpassada por diferentes tempos.

Elegeram-se como categorias centrais do presente estudo *ordens e desordens*, como categorias que se conectam numa relação de simultaneidade, as quais se manifestam tanto no plano da natureza marítima como no plano sociocultural das comunidades tradicionais pesquisadas que têm na pesca artesanal a sua atividade principal.

A noção de ordem e desordem, tal como postulada teoricamente em sua indissociabilidade, possibilitou o rompimento com a noção de que a natureza está em estado perene de equilíbrio – conforme assinalado, essa visão está muitas vezes presente nos movimentos ambientalistas e no próprio conhecimento científico formal; verificou-se também que as sociedades costeiras não se configuram como sociedades harmônicas, destituídas de desordens.

Para alcançar a amplitude dos conceitos de ordem e desordem, percorreram-se alguns caminhos das tradições do pensamento sociológico e antropológico, nas quais o paradigma da ordem vigorou por muito tempo na explicação da vida social; a partir daí buscou-se no próprio interior desse pensamento em sua contemporaneidade e, em particular na teoria da complexidade, aportes teóricos e epistemológicos que rompem com a onipresença da ordem, privilegiando as desordens como constitutivas da vida social e natural.

Procurou-se evidenciar os processos ordenados e desordenados que compõem dinâmicas pesqueiras do litoral central do Paraná – nas localidades de Shangri-Lá e Pontal do Sul do litoral do Paraná –, configurando tanto a compreensão da oceanografia, da meteorologia e da geologia sobre fenômenos e movimentos da natureza marinha no

universo costeiro paranaense quanto a própria compreensão dos pescadores artesanais da vida no mar nestas localidades, com base em seus saberes, técnicas e cosmovisão.

Considerando processos oceanográficos e bioclimáticos focalizados neste trabalho foi possível perceber que, embora por lógicas distintas, os pescadores detêm um conhecimento fundado em operações mentais semelhantes ao conhecimento científico formal mediante a observação, classificação e experimentação de suas práticas produtivas derivadas da inter-relação com o ambiente natural ao longo do tempo.

Assim, os saberes dos pescadores artesanais acumulado secularmente para fazer face aos imperativos da vida do mar – principalmente às desordens naturais – revelaram não só ser elemento mediador da inter-relação cultura e natureza, como condição *sine qua non* para a viabilidade da pesca artesanal em seus componentes materiais e imateriais. É mediante esse saber que os pescadores definem estratégias adaptativas às flutuações do ecossistema marítimo para assegurar a sua reprodução social no tempo. E, é nesse processo de adaptação inteligente diante das condições bioclimáticas e naturais, que esse sujeito social constrói o espaço marítimo como um espaço sociocultural próprio.

Nesses termos verificou-se, que, em face das desordens naturais imanentes ao universo costeiro – como ventos, tempestades e ressacas –, são constitutivos do conhecimento tradicional do pescador mecanismos adaptativos a tais fenômenos de perturbação ou turbulência, levando, nesses casos, a processos resilientes de caráter socioambiental.

Na abordagem da dinâmica da pesca artesanal se focalizou a territorialidade pesqueira marcada pela unidade mar, terra e céu, sendo cada um desses domínios eivado de significação ambiental, econômica, social e cultural. A rigor, tempo e espaço revestem-se de significado singular no universo do pescador artesanal; os ritmos de suas vidas são marcados pela temporalidade natural e do relógio – pela tradição e pela modernidade. De outro modo, caracterizou-se o conhecimento tradicional que o pescador detém sobre o ciclo da pesca em suas várias dimensões, destacando-se seus saberes sobre ventos, marés e luas como fenômenos que conformam uma perspectiva bio-cósmica.

Embora os pescadores na atualidade se valham também de recursos modernos para o enfrentamento das oscilações da natureza, em particular das variações repentinas do tempo, num quadro de mudanças climáticas globais, viu-se que, na realidade, os sistemas tradicionais e os sistemas modernos de controle da natureza se articulam numa relação de complementaridade.

Diante disso, colocou-se como questionamento até que ponto a recorrência aos aparatos modernos – como televisão e Internet para a previsão do tempo – significa uma tendência de perda efetiva de saber tradicional, considerando que essa perda é relativa, pois os pescadores das localidades pesquisadas se valem também do próprio sistema tradicional não somente para prever o tempo em suas viagens marítimas, como em outras dimensões da vida pesqueira para viabilizar a pesca artesanal.

Uma questão paradoxal daí derivou: se os pescadores identificam limites no sistema tradicional de previsão do tempo, frente às grandes variações climáticas que se processam em âmbito global, até que ponto as novas tecnologias não apresentam também limites na previsibilidade do tempo em face dessas variações contínuas do clima que se atingem o universo pesqueiro?

De outro lado, cientistas contemporâneos, como David Ruelle (2001), sugerem que do ponto de vista da ciência meteorológica a evolução do tempo pode ser caótica, principalmente se pequenas mudanças podem conduzir a direções muito diferentes “correspondentes às órbitas divergentes”, o que o leva a indagar se é possível a aplicação de uma mesma teoria para fenômenos diferentes, como “a turbulência hidrodinâmica, da meteorologia e da dinâmica solar”. Segundo esse autor, “o que acontece é que prevemos o tempo, e vemos que a previsão que fazemos diverge do tempo que realmente observamos” (Ruelle, 2001, p. 43).

Assim, pode-se afirmar que toda forma de conhecimento não se realiza em sua completude contendo insuficiências, carências, incongruências e limites, seja no conhecimento tradicional, seja no conhecimento científico. Essa observação é significativa considerando que a ciência moderna historicamente elege a si própria como verdade única, superior e absoluta de apreensão e explicação do real, anulando o ignorando outras expressões do saber, sem levar em conta suas próprias limitações e que se inserem também no campo das incertezas – da imprevisibilidade.

Verificou-se que se, por um lado, a interação do pescador com o mar é marcada por *desordens criadoras*, por outro lado, *desordens destruidoras* de caráter socioambiental se pronunciam simultaneamente nesse universo, o que requer a construção de projetos amplos para suplantá-las fundados na sustentabilidade socioambiental.

As desordens destruidoras focalizadas neste trabalho podem ser assim condensadas: a desarticulação da agricultura de subsistência no passado histórico das comunidades focalizadas, que em combinação com a atividade pesqueira, produzia diversidade ambiental, econômica e social – levando a pesca a se constituir atualmente

numa atividade exclusiva e especializada; a escassez dos recursos com a diminuição dos estoques pesqueiros gerados pela sobrepesca ou métodos inadequados; a dependência ao intermediário que conduz a exploração dos ganhos de produção do pescador, com preços variados e abaixo da sua produtividade, o que não permite sua construção histórica como produtor autônomo; a pressão dos recursos pela pesca industrial ou empresarial que produz impactos ambientais de grande monta no território da pesca artesanal; a expansão do turismo e da urbanização levando à redefinição ou descaracterização das formas de sociabilidade e estilo de vida tradicional, em particular com a transformação de suas áreas ancestrais em balneários: expulsos de suas casas próximos da praia, onde viviam concentrados em pequenos agrupamentos, hoje vivem espalhados em situações de contrastes em meio a construções de hotelaria, bares, restaurantes e casas de veranistas (ou de segunda residência), ocupando o espaço tradicional do pescador de forma desordenada e, muitas vezes, de modo efêmero – nas temporadas.

Como consequência, ocorre a separação do trabalho e moradia, dos laços de vizinhança e face a face intensos que predominavam com intensidade no passado, em particular em sua vida em terra, desorganizando, de certo modo, formas de sociabilidade das comunidades pesqueiras investigadas.

Observa-se que tais desordens repercutem, de certo modo, na manifestação identitária do pescador que se apresenta, em função da constante modernização das comunidades pesqueiras (processos turísticos, uso balneário, urbanização e globalização), redefinida na articulação de distintas temporalidades, de modo ambíguo ou ambivalente, o que leva o pescador a possuir uma identidade dual.

Cabe aqui referir-se ao tetragrama proposto por Morin, que se compõe da ordem-desordem-interação-organização. Em seu pensamento complexo, isso significa que não somente ordem e desordem se conjuntam e disjuntam, como ensejam em sua interação uma nova ordem ou organização – reorganização. Na mesma direção parece colocar-se a posição de Holling (2001, p.2), ao observar que ? o espaço socioambiental é criado para inovação e reorganização, construído por dinâmicas - não lineares: “[...] A desnorteante, fascinante, imprevisível natureza da natureza e das pessoas, a riqueza, a diversidade e a capacidade de mudança de vida, vêm da dança evolucionária gerada por ciclos de crescimento, colapso, reorganização, renovação e re-estabelecimento [...]”.

Seguindo esse raciocínio, pode-se dizer que, no âmbito das comunidades pesqueiras pesquisadas, se faz necessário, diante das desordens destruidoras que as envolvem, uma outra forma de organização que leve à re-apropriação social da natureza

para assegurar a sua reprodução social e cultural com práticas inovadoras. Uma nova forma de organização que não anule as desordens criadoras pode possibilitar um novo encontro entre a ordem e a desordem com vistas a suplantar as desordens destruidoras enfocadas neste trabalho.

Considerando que os pescadores estão imersos em processos modernizantes – muitos dos quais produtores de desordem –, um projeto amplo de sustentabilidade tanto no plano social como ambiental exige paradigmas criativos e inovadores, que possam colocar em novos termos a relação tradição e modernidade como processos que possam produzir novos arranjos socioculturais e ambientais.

Em conformidade ao que foi apontado no decorrer deste estudo, é preciso salientar que, embora conectados, tradição e modernidade não podem ser vistos como espelho invertido um do outro; o que se quer realçar é que não há, de um lado, a estática e de outro a dinâmica, ambos correspondendo à ordem e à desordem respectivamente, como se o conflito fosse condutor das mudanças e a estabilidade reguladora das tradições. Em verdade, como visto no âmbito da dinâmica pesqueira artesanal, a tradição se repõe na modernidade em suas diversas formas, como presença e como ausência, como ser e não-ser, já que elementos do passado permanecem e se atualizam no presente. De outro modo, ainda que muitas vezes de maneira perversa, a modernidade se impõe nas comunidades pesquisadas com múltiplas facetas, o que não permite pensar sua dinâmica homogênea e univocamente.

O que importa marcar, aqui, é que tanto o *tradicionalismo* quanto o *modernismo* presentes nas comunidades pesqueiras devem ser vistos na história em permanente movimento – o que pode ensejar um leque aberto de possibilidades de conjunção de distintas temporalidades. O que se postula é em novo encontro histórico entre tradição e modernidade que permita articular simultaneamente passado, presente e futuro numa ressignificação temporal; encontro este que permita aos pescadores artesanais (re) inscrever-se em sua história de modo protagônico.

Em outros termos, reinventando a tradição e livrando-se dos fetiches da modernidade – considerando que as possibilidades da modernidade não estão exauridas em sua positivação – postula-se também a absorção das experiências modernas, ainda que redefinidas, naquilo que possam potencializar a própria tradição: em ato de entrega (ou de troca) de conhecimentos e tecnologias ambientalmente apropriadas, tais intercâmbios podem atuar na abertura para o novo, para a construção de novas sínteses históricas. O



cerne do problema reside na forma como os mais variados fluxos temporais podem ser incorporados na dinâmica da vida e do pensamento acumulante (Carvalho, 1992, p. 93).

Coloca-se, assim, a necessidade de construir o novo fundado, porém, em elementos da tradição, que em combinação com os processos modernos, transforma o passado em elemento ativo; de outro lado, a modernidade não deve ser encarada meramente em sua face destruidora – em recombinação com a tradição ela também se pode transformar em *tempo de criação* (elemento positivo).

Nesse sentido é significativa a observação de Morin, em seu livro “Terra Pátria”, ensejando uma profunda reflexão. Assim afirma: “Certamente não devemos idealizar as culturas; é preciso saber que toda a evolução implica abandono, toda a criação comporta destruição, que todo o ganho histórico se paga com perda. Temos de compreender que, mortal como tudo o que vive, cada cultura é digna de viver e deve saber morrer. Temos igualmente de manter a necessidade de uma cultura planetária. **Todavia, não poderemos extrair de cada uma e generalizar o que ela trouxe de mais rico?** Como integrar então os valores e tesouros culturais das culturas que se desintegram? Não será demasiado tarde? [...]” (Morin, Terra Pátria, s/d, p. 67 – sem grifos no original).

Conquanto esse autor acentue a crise da modernidade (e da própria tradição), há em seu pensamento a necessidade de uma nova política de hominização e uma ética do futuro repleta de possibilidades, na qual o inédito tem lugar.

Assim, uma nova relação entre o pescador e a natureza – fundada em nova ética – implica um olhar sábio e simultâneo para frente e para trás; ou, numa linha de rotação do tempo, um olhar que envolve o atrás sem ir para trás, o que permite pensar no enlaçamento entre os tempos de ricas e distintas maneiras.

Isso requer pensar em novos paradigmas que permitam, a um só tempo, resgatar e restaurar a tradição pesqueira (ou os saberes da tradição) sob novos termos num circuito interativo entre temporalidades distintas que possibilite a conjunção entre tradição e modernidade, entre o saber patrimonial e o saber científico e entre saberes transgeracionais, numa relação de coetaneidade.

Tal proposição deve gerar formas de organização (ou novos modelos de desenvolvimento econômico e social em bases sustentáveis) nas comunidades pesqueiras aqui consideradas, que leve em conta, concomitantemente, a dinâmica sociocultural da pesca e a necessidade de conservação do ambiente marinho. O que se postula é uma nova conexão entre cultura e natureza nas formas tradicionais em que se realiza, numa re-

combinação com a modernidade, sem prescindir do saber bio-cósmico presente secularmente nas populações costeiras.

A importância das sociedades tradicionais aparece também no pensamento de Vieira (1995, p. 304) afirmando que suas lições nos processos de apropriação, uso e gestão de recursos renováveis litorâneos, podem se constituir em pontos de referências relevantes na construção da proposta de gestão patrimonial. Para ele, [...] se o respeito pelo uso sustentado dos recursos tornar-se algo compartilhado pela comunidade, aumenta as chances de êxito de formas de gestão capazes de favorecer o alcance simultâneo de uma distribuição mais equitativa da riqueza gerada e de aumento das margens de sustentabilidade dos recursos da comunidade”.

Nessa direção, preocupado com os processos que tendem a desarticular as formas tradicionais de organização da pesca artesanal, esse autor coloca que: “em termos concretos caberia empreender, num primeiro momento, a diversificação do potencial dos recursos existentes em cada micro-região litorânea, em sintonia com a valorização de formas tradicionais detida pelo pescador” (Vieira, 1995, p. 306-312).

Assim, esse conhecimento ungido de diálogos e duelos com os próprios movimentos da natureza deve ser atualizado, restaurado e revigorado para a sua própria permanência no tempo; em particular em face da premência de novos paradigmas de uso sustentável dos recursos naturais que, sem abstrair a importância do conhecimento tradicional das comunidades pesqueiras nas localidades pesquisadas, deve colocar em outro patamar as suas condições de vida.

Tal proposição alcança relevância levando em conta, principalmente, que essas comunidades pesqueiras vêm enfrentando, desde meados das décadas do século passado e início deste milênio, perda progressiva de espaço vital e de acesso ao mar, conduzindo-as a viver num mundo de desordens ambientais e socioculturais destruidoras. A escassez dos recursos pesqueiros manifesta de forma cada vez mais intensa na atualidade constitui um dos pontos críticos nodais que comprometem a sobrevivência física e social do pescador artesanal; a reorganização das comunidades pesqueiras em novas bases poderá evitar que tais comunidades conformem uma *sociedade de risco* marcada por desordens destruidoras em todos os níveis da vida, em vista de que a consciência dos riscos socioambientais já integra nitidamente o universo do pescador, conforme demonstrado.

A construção de um diálogo fecundo entre saberes de várias ordens para a construção de sustentabilidade na produção pesqueira de modalidade artesanal, deve

colocar em cena expressões de saber e cosmovisões tecidas ao longo do tempo para a produção e recriação da vida em suas múltiplas dimensões.

Configurando-se com parte integrante do saber ambiental, Leff (2001) – um dos propositores do diálogo entre saberes para a produção de um novo conhecimento – coloca a importância de saberes que, com matrizes próprias, condensam os sentidos inscritos em vários tempos que se articulam, tanto os tempos físicos e biológicos, como os tempos cósmicos, os quais regem as concepções e apropriações sobre o mundo das diferentes culturas que compõem a história.

Nessa linha de pensamento, esse autor fornece contribuições bastante relevantes sobre a necessidade de fecundar esse diálogo entre saberes tradicionais e modernos gerando um novo encontro entre esses saberes dotados de lógicas próprias. Esta perspectiva rompe com a colonialidade de saber que, historicamente se processa quando agentes externos (como instituições governamentais e até as não-governamentais) atuam de forma autoritária e unilateral em relação às sociedades tradicionais.

Sob esse prisma, há que se buscar formas de interação de outros lados do conhecimento, considerando que a instauração da dialogia entre saberes pressupõe a articulação de discursos diferentes e contraditórios em seu capital argumentativo e não a construção de verdades absolutas e unilaterais centradas numa relação de poder. Ressalta-se que é no interior dessa relação que muitas vezes se explicita o poder dos agentes de fora no universo dos pescadores artesanais, dos meios de comunicação de massa (dos processos turísticos e de urbanização), do global sobre o local e do conhecimento científico sobre o conhecimento tradicional.

Reconhecendo, pois, o estatuto e o valor de saberes milenares ou seculares das sociedades da tradição, Leff (2001, p.188-189) propõe, em termos epistemológico e político, um diálogo entre os saberes de diversas ordens para a construção de um novo modelo de conhecimento que rompe com os padrões da ciência formal. Assim observa: “[...] isso implica a necessidade de desconstruir a racionalidade que fundou e construiu o mundo, no limite da razão modernizadora que a conduziu a uma crise ambiental, para gerar um novo saber no qual se reinscreve o ser no pensar e se reconfiguram as identidades, mediante um diálogo de saberes (encontro, enfrentamento, inter cruzamento, hibridação, complementação e antagonismo) na dimensão aberta pela complexidade ambiental para o reconhecimento e re-apropriação do mundo”.

Na perspectiva de superação da oposição historicamente estabelecida entre o conhecimento tradicional dos pescadores artesanais e o conhecimento científico, caminha

também o pensamento de Diegues (2000). Entendendo que a natureza faz parte da história e reconhecendo o estatuto dos saberes presentes nas sociedades costeiras, este autor propõe um encontro entre as distintas formas de conhecimento: “[...] a valorização do conhecimento e das práticas de manejo dessas populações deveria constituir uma das pilstras de um novo ‘conservadorismo’ nos países do sul. Para tanto deve ser criada uma nova aliança entre os cientistas e os construtores e portadores do conhecimento local, partindo de que os dois conhecimentos – o científico e o local – são igualmente relevantes” (Diegues, 2000, p.41-42).

Em meu entendimento, o diálogo entre formas de saberes fundado em matrizes distintas poderá engendrar, em novas sínteses, formas de gestão socioambiental no litoral brasileiro e, particularmente no litoral paranaense, de modo criativo e inovador para que se possa conciliar desenvolvimento e conservação da natureza. Para tanto, há que se resgatar o conhecimento patrimonial do pescador artesanal e suas formas tradicionais de manejo dos recursos pesqueiros para que processos gestionários não sejam implantados fora do contexto cultural costeiro específico em que foram engendrados.

O intercâmbio de saberes e práticas ambientalmente sustentáveis podem suceder-se, também, com outros “povos da tradição” como, por exemplo, com povos indígenas, particularmente aqueles que historicamente dedicam-se à pesca como modo de vida; guardando-se suas singularidades tornam-se necessários encontros interculturais para a permuta de saberes e práticas sustentáveis numa polifonia de vozes que propiciem ampliação de horizontes.

Para se alcançar a interculturalidade, na qual tanto o singular como o universal possam se enlaçar de ricas e distintas maneiras, assim nos ensina Merleau – Ponty (1975, p. 389): “[...] “O aparelho de nosso ser social pode ser desfeito e feito pela viagem, assim como podemos apreender a falar outras línguas [...] Trata-se de construir um sistema de referência geral onde possam encontrar o ponto de vista do indígena, o do civilizado [o dos povos da tradição e da modernidade] e os erros e [acertos] de um sobre o outro, construir uma experiência alargada que se torne, em princípio, acessível para homens de um outro país e de um outro tempo [...]”.

Em seus estudos sobre os “achuar”, por exemplo, cuja forma de relacionamento com a natureza transcende a singularidade de circunstâncias, Descola (2001, p. 110) assinala a importância de suas elaborações culturais que podem servir como lições para o presente (e o futuro): “[...] a cisão fundamental estabelecida pelo Ocidente entre ‘natureza’ e ‘cultura’ pode não significar nada para outros povos que atribuem às

plantas e aos animais características da vida social, considerando-os sujeitos mais que objetos. Eles não procuram fechá-los numa esfera à parte comandada pela tecnociência”.

Esta reflexão pode ser estendida, em parte, aos pescadores artesanais investigados na presente pesquisa, pois formando uma unidade homem-mar suas elaborações e formas culturais se integram de modo geral aos movimentos do ambiente marinho sem proceder a uma cisão entre natureza e cultura.

No plano interno do conhecimento científico é imperiosa a abordagem interdisciplinar para a articulação entre as ciências do homem e as ciências da vida, nas quais a interface ou o diálogo entre os saberes das diversas áreas possa suplantar a especialização e a fragmentação que modulam a ciência clássica predominante no pensamento científico até os dias de hoje. A re-ligação dos saberes, proposta por Morin (2001) em sua obra do mesmo título, constitui um desafio para o século 21 no bojo das ciências da complexidade.

O diálogo entre saberes no âmbito interno da ciência e com formas de conhecimento com matrizes diferenciadas consiste em um grande desafio para que as ciências modernas ou os novos paradigmas estabeleçam uma dialogia com as formas tradicionais de conhecimento, produzindo novas formas de gerir o ambiente. Tal desafio se apresenta tanto no desenvolvimento de pesquisas científicas quanto na implantação de programas de desenvolvimento sustentável que levem a melhoria de vida das populações pesqueiras tradicionais. Para tal, além do diálogo entre as distintas expressões de saber, a interdisciplinaridade nas pesquisas deve se pautar num programa mínimo de articulação integrada em entre Oceanografia, Meteorologia, Biologia Marinha (ou pesqueira), Ecologia, Antropologia, Etnociência, Sociologia, História e Economia, numa perspectiva bioantropossocial.

A importância de tal perspectiva se coloca, pois, segundo Castello (2004, p. 163), embora as ciências da pesca, há algum tempo, operem de certo modo com a interdisciplinaridade para a apreensão de dinâmicas naturais marinhas, como recrutamento de estoques, flutuações de abundância e relações tróficas, “na abordagem tradicional da exploração dos recursos renováveis, o homem tem sido considerado como elemento exógeno, ignorando as complexas motivações de seu comportamento individual e coletivo” (idem, p. 167).

Ademais, para a apreensão das dinâmicas pesqueiras de caráter artesanal, quer no plano do conhecimento, quer no plano de medidas concretas, torna-se necessária uma nova visão ancorada nas ciências da complexidade, que permita perceber a conexão dos

processos ordenados e desordenados que envolvem a natureza marítima e a cultura dos pescadores artesanais em distintas temporalidades.

De outra feita, é necessário salientar que observações de estudiosos das ciências naturais evidenciaram que o conhecimento dos fenômenos físicos e eventos naturais – ainda que por caminhos diferentes – possuem similitude ou são consentâneos com o conhecimento científico formal, embora com linguagens próprias em cada campo de saber, sem necessariamente ter-se a mesma explicação da causalidade de tais fenômenos. A existência de pontos comuns e diversos pode conduzir a novas configurações paradigmáticas ou a uma forma comunicativa que fertilize a conexão entre teoria e ação em moldes sustentáveis.

Entretanto, convém observar que é possível considerar que o conhecimento tradicional do pescador artesanal – diferentemente da ciência formal cindida em sua lógica interna por saberes especializados – conforma-se numa perspectiva holística na qual a percepção e compreensão dos fenômenos naturais que compõem seu universo se exprimem de modo integrado. Por isso se coloca a necessidade de que a dialogia entre saberes que conduza a novos modelos de conhecimentos seja instaurada numa comunicação profícua com paradigmas emergentes, que propugnam uma visão totalizante das distintas expressões do conhecimento geradas pela história humana numa lógica sistêmica aberta, a um só tempo, dialógica e dialética.

Mesmo que esquecidos ou escondidos às margens da história os pescadores artesanais desde finais do século passado e início deste milênio vêm adquirindo certa visibilidade social no contexto de seus próprios movimentos sociais e de embriões de experiências de caráter socioambiental em várias partes do litoral brasileiro. Apesar disso, os pescadores do litoral paranaense – particularmente nos casos aqui examinados – somente poderão superar a crise que envolve o mundo pesqueiro artesanal se, a exemplo do Monape (Movimento Nacional dos Pescadores), construírem uma “identidade de projeto” que preconize alternativas sustentáveis para assegurar a sua permanência na história como sujeitos autônomos.

Assim, para alcançar maior visibilidade e legitimidade dos atores sociais em questão, nas comunidades pesquisadas, e de novas formas de co-gestão socioambiental, torna-se necessária sua organização em movimentos socioambientais propositivos para a construção de um novo modelo de desenvolvimento (ou de uma nova ordem sociambiental) em oposição ao modelo dominante.

Isso requer uma autovalorização das formas de conhecimento em diferentes expressões legitimando seus próprios saberes tradicionais sobre os movimentos da natureza marítima (ondas, marés, correntes, ventos, tempestades e ressacas), do ciclo interno da pesca, de seu calendário, da migração e dos lugares de peixes, da influência lunar nas pescarias, das rotas de navegação, pois decorrem daí, conforme demonstrado, os mecanismos de adaptação às dinâmicas marítimas, mesmo que articulados com os processos modernos.

Como visto, isso não significa que os pescadores artesanais não possam incorporar outras modalidades de conhecimento numa relação dialógica que permita a gestão socioambiental em termos amplos, sem que esta se restrinja – como comumente feita – aos planos de manejo ditos racionais gerados no âmbito da ciência formal, de modo exterior, ignorando saberes ambientais seculares.

Um fórum permanente de troca ou permuta de idéias e experiências entre o saber patrimonial do pescador e o saber científico baseado nas ciências da complexidade que incorpora a ciência da tradição, numa circulação dialógica, poderá gerar propostas ou programas concretos que levem à melhoria das condições de vida das populações pesqueiras conduzindo-as a um modo sustentável – econômico, social e ambiental – de re-apropriação da natureza.

Deve-se, pois, ter em vista que “não haverá transformação radical, sociedade nova, sociedade autônoma a não ser pela nova consciência histórica, que implica ao mesmo tempo uma restauração do valor da tradição e uma outra atitude face a essa tradição, uma outra articulação entre essa e as tarefas do presente/futuro” (Castoriadis, 1987, p.305).

O elo entre distintas temporalidades, talvez permita a construção de uma “casa comum”, em que haja lugar para os múltiplos e diversos modos de vida – inclusive os dos “povos do mar” –, fundada numa reconexão entre natureza e cultura num encontro (confronto) com a história.

## VI. Bibliografia

- BACHELARD, G. **A Água e os Sonhos** – ensaios sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BALANDIER, G. **A desordem – elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrant Brasil, 1997.
- \_\_\_\_\_ . **Ordem e Contestação**. In: Antropológicas, São Paulo: Edusp, 1976.
- BECK, U. Épistémologie politique de la société du risque. In: **La société du risque** – sur la voie d’une autre modernité. Paris: Alto Aubier, s/d.
- BERMAN, M. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar** – a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BORHEIM, G. O conceito de Tradição In: **Tradição – Contradição**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- CANCLINI, N.G. **Culturas Híbridas**: São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997..
- CARVALHO, E. **Os enigmas da Cultura**. São Paulo: Cortez, 2003.
- \_\_\_\_\_ . **A Declaração de Veneza e o Desafio Transdisciplinar**. In: Narradores e Intérpretes. Revista Margem no1. São Paulo: PUC-SP, 1992.
- CASTELLS, M. **O Poder da Identidade** (Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura). São Paulo: Paz e Terra, 1997 (volume 2).
- CASTELO, J. Manejo de pesca e a interdisciplinaridade. In: **Interdisciplinaridade, Meio Ambiente e Desenvolvimento: desafios e avanços do ensino e da pesquisa**. Revista de Meio Ambiente e Desenvolvimento no. 10. Curitiba: Editora da UFPR, 2004.
- CASTORIADIS, C. **O mundo Fragmentado. As Encruzilhadas do Labirinto**, nº1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- CASTRO, E. Território, Biodiversidade e Saberes de Populações Tradicionais. In: DIEGUES, A.C. (org.) **Etnoconservação**. São Paulo: Hucitec, NUPAUB-USP, 2000.
- CORDELL, J. **The Lunar-Tide Fishing Cycle in Northeastern Brazil**. Ethnology, 13, 1974.
- CUNHA, L.H. **A Identidade Caiçara**: entre o local e o global. São Paulo: NUPAUB-USP, 2007.



- \_\_\_\_\_ . **Diálogos entre saberes na pedagogia ambiental:** transpondo dicotomias entre teoria e ação. In: Anais do V Congresso Iberoamericano de Educação Ambiental. Joinville, 2006 (publicado também no Boletim do Programa de Formação Ambiental na América Latina e Caribe. México: PNUMA, 2006).
- \_\_\_\_\_ . **Saberes Patrimoniais Pesqueiros.** In: Desenvolvimento e Meio Ambiente: Diálogo entre Saberes e percepção ambiental. Curitiba-Pr: Editora da UFPR, no. 7, 2003. (publicado também em Enciclopédia Caiçara (volume1), São Paulo: Hucitec e NUPAUB-USP, 2004).
- \_\_\_\_\_ . **Movimentos, Tempo e Natureza:** o singular e o universal. In: Revista Margem, no. 15. São Paulo: PUC-SP, 2002.
- \_\_\_\_\_ . Os Múltiplos Significados das Águas. In: **A Imagem das águas.** São Paulo: Hucitec, 2000.
- \_\_\_\_\_ . **Olhares sobre a tradição** In: Desenvolvimento e Meio Ambiente: Teoria e metodologia em meio ambiente e desenvolvimento. Curitiba-Pr: Editora da UFPR, no. 4, 2001.
- \_\_\_\_\_ . **Tradição e Modernidade:** conexões e (des) conexões (Texto elaborado para o Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais, São Paulo: PUC, 1996 – inédito).
- DESCOLA, P. A Natureza: um conceito sursis? In: PESSIS- ASTERVACH, G. A (org.) **Ciência: deus ou diabo?** São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- DIEGUES, A. C. O Patrimônio Cultural Caiçara. In: DIEGUES (org.) **Enciclopédia Caiçara** (volume V). São Paulo: Hucitec e NUPAUB-CEC/USP, 2006.
- \_\_\_\_\_ . Repensando e Recriando as Formas de Apropriação Comum dos Espaços e Recursos Naturais. In: DIEGUES & MOREIRA (orgs.) **Espaços de Recursos Naturais de Uso Comum.** São Paulo: NUPAUB-USP, 2001.
- \_\_\_\_\_ . **Etnoconservação da Natureza: enfoques alternativos. In: DIEGUES, A. C. (org)Etnoconservação – novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: Hucitec, 2000. .**
- FORMAN, S. **Cognition and the catch: the location of fishing spots in a Brazilian coastal village.** Ethology 6 , 1967 (Tradução de Maria Teresa Lemos de Lima).
- GEERTZ, C. **O Saber Local** – novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

- GIDDENS, A. BECK U. & LASH. **A Modernização Reflexiva**. São Paulo: UNESP, 1997.
- GODELIER, M. **L'idéal et le matériel**. Paris: Fayard, 1984.
- LEFF, E. **Racionalidade Ambiental** – a reapropriação da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- LÉVI – STRAUSS, C. A ciência do concreto. In: **O pensamento Selvagem**. Campinas: Papirus, 1988.
- MACHADO, L.Z. **Tradição e Modernidade no Futuro da América Latina**. UNESCO, 1988 (mimeo).
- MALDONADO, S. **Mestres e Mares: espaço e indivisão na pesca marítima**. São Paulo: AnnaBlume, 1993.
- MARCUS, G. **Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial**. In: Revista de Antropologia. São Paulo: USP, 1991 (volume 34).

MERLEAU – PONTY, M. **De Mauss a Lévi-Strauss**. In: **Coleção “Os Pensadores”** (texto traduzido por Marilena Chauí). São Paulo: Abril Cultural, 1975.

- MOURA, M.C. **O Saber Antropológico: complexidade, objetivacões, desordens, incertezas**. (Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). São Paulo: PUC, 1992.
- MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Portugal: Publicações Europa - América, s/d.
- MORIN & KERN. **Terra Pátria**. Lisboa: Instituto Piaget (Coleção Epistemologia e Sociedade), s/d.
- PAZ, O. **Conjunções e Disjunções**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- VIEIRA, Paulo. V. **Gestão Patrimonial de Recursos Naturais: Construindo o Ecodesenvolvimento em regiões litorâneas** In: CAVALCANTI, C. (org). São Paulo: Cortez, 1995.